



Gaiato

4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 3 de Abril de 1993 • Ano L - N.º 1280 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A Páscoa de Jesus Cristo nos ajude a aprender a lição simbolizada pelo esforço destes irmãos no implantar da Cruz como sinal de Ressurreição para o Povo crucificado de Moçambique.

Páscoa

«O Céu se compadeça de tantos justos que estão sofrendo as maldades dos injustos»

Respiguei este mote de uma carta de pessoa que sofre o desgaste dos anos, os incómodos de uma doença que a torna dependente e a dor maior de não ter ninguém de quem dependa por um vínculo de amor.

Nem é a propósito de si mesma que a pessoa escreve. Fá-lo magoada pela «situação dos queridos padres que foram para África e seus acompanhantes, pois estão debaixo de tantos perigos e de tantas privações» E à sua prece junta o desejo de que «muitas e muitas pessoas que têm a Obra da Rua no coração, implorem da Divina Misericórdia a paz definitiva em África e em todo o mundo, que sem Paz a vida é um tormento».

Trata-se de alguém discípulo do Mestre que «aprendeu de tanto sofrer o que é a obediência» aos desígnios

do Pai e aceitou, sem recalcitrar, padecer Ele, o Justo, pelos injustos, para que estes encontrem o caminho da Justificação. Como o Mestre, o bom discípulo esquece-se de si por amor dos Outros e misteriosamente alcança a Paz, aquele Dom que Cristo veio trazer-nos — «Deixo-vos a Minha Paz» — contra O qual são impotentes os desvarios e maldades dos homens.

A vida deste discípulo — de tantos semelhantes... — é uma actualização do Mistério Pascal, cruenta nos seus corpos e almas, a completar a Redenção que Cristo quis fosse continuada pelos homens até ao fim do Tempo.

Vidas assim são uma luz de que a vulgaridade não dá conta. Porque a Paz que possuem, apesar do sofrimento que as consome, enraíza no futuro: na certeza da Ressurreição, no antegozo da Vida para a qual todos nascemos, na intuição do seu papel salvífico para muitos.

Esta, a que me reporto, na sua total incapacidade e correlativa dependên-

cia, não é alvo de um gesto que não haja de ser pago.

À gratuidade do dom de Deus; à disponibilidade para o acolher até às últimas consequências — responde o mercenarismo de um mundo em que a solidariedade é significada pelo cifrão. Este o drama de tantos idosos e doentes, mesmo com tanta instituição que por aí cresce por via deles!

Nas relações humanas, gratuidade não é um conceito exclusivamente económico. Ele comporta, mais essencialmente, um conteúdo de amor fraterno que tempere e dê sabor a todo o dar a mão a Outro. Mas, para isso, todos temos que passar pela Cruz, para, quais Cireneus, levantarmos a cruz que prostra outros.

A Páscoa de Jesus Cristo nos ajude a aprender esta lição, simbolizada, na foto acima, pelo esforço desses irmãos no implantar da Cruz como sinal de Ressurreição para o Povo crucificado de Moçambique.

Padre Carlos

Moçambique

Pai Américo tinha a arte de simplificar as coisas complicadas

A gente, seguindo os seus passos, não consegue atinar com o carreiro e vai andar pela estrada larga. Influências do tempo e lugar. Há cinquenta anos começou no campo, em Paço de Sousa, com juntas de bois e rega pelo pé. Hoje, já apanhamos o tractor e a rega por aspersão. Iniciou as obras com os pedreiros de marreta e pico que levantavam as casas cantando às pedras com carinho. Nós, de betoneira, ferro e cimento. É um andar sem descanso nem graça. Só uma coisa semelhante: Foi em plena grande guerra na Europa; aqui, a guerra estava à porta. Ou até podíamos dizer: aqui, era a porta da guerra. Daqui à frente, o perigo.

Vamos iniciar a nossa Aldeia

Vamos iniciar a nossa Aldeia. Quanto de amargura neste escrever *vamos iniciar!* Há quanto tempo ansiamos! O terreno foi limpo, lançámos a primeira pedra. Mas, além de umas tantas carradas de brita, nada mais.

No entretanto da espera, as obras de recuperação da estrutura agrícola vão caminhando. Após as quatro salas, que já nos servem de escola, foi concluída a oficina de mecânica que abriga também a carpintaria e a serralharia. Estamos a cobrir o parque de máquinas de campo. De seguida, só falta a cobertura, umas cinco salas onde pensámos, no início, instalar os primeiros rapazes, não fossem já o dobro dos que lá cabem. Ali vão ser a lavandaria e rouparia, por uns anos; e pequenos armazéns para o pintor e canalizador. Depois, o refeitório e a cozinha para os trabalhadores. Sim, estamos a dar a refeição do meio-dia a quem trabalha connosco. São cinquenta e oito. Tantos como nós, em casa. Pela distância e necessidade de os alimentar para que possam trabalhar. Justiça social; não paternalismo.

Será, ainda, a vacaria e o armazém do campo para os cereais. Quando teremos leite para os nossos?! Bem hajam os amigos do nosso Carlos Roda, de Leiria, que mandaram boa quantidade dele em pó.

Mais operários para a Messe

Agora, a novidade: Para esta recuperação que falta, os «Projectos Integrados», através da empresa italiana C. M. C., de Ravena, vão dar os materiais básicos; a conduta da água, a partir da barragem dos Pequenos Libombos até ao terreno; e um *pivot* de rega para oitenta hectares. Se a paz descer como a bênção mais desejada sobre esta terra de Moçambique, lá para Setembro teremos água e uma lavoura promissora.

Quando esta notícia me foi dada pelo Engº Lopes Pereira — dos «Projectos Integrados» — tapei os olhos com as mãos para interiorizar o agradecimento a Deus e só disse: — Não me «mate» com tanta coisa, sr. Engenheiro!

Eu sei que não é por mim. São as crianças da rua. Um flagelo para muita gente e um perigo que se avoluma dia-a-dia. Se trouxéssemos, hoje, mais cinquenta, só da baixa, nem se daria conta. Eles são tantos! Não é só em Maputo. Em todas as cidades deste país! Falaram-me em doze mil, nos campos de refugiados e ao abrigo dos dois exércitos! Quem, como e onde recebê-los? Houvesse tantas Casas do Gaiato aqui, como em Portugal, mesmo assim seríamos nada. Porque não há, Senhor, mais operários para a Messe?

Que este tempo de Quaresma, em que a vida se renova pelo sacrifício, a renúncia e a oração, traga até nós mais obreiros. Já agora, Senhor, obrigado pelos que me destes.

Padre José Maria

FESTAS

• Lisboa

Elas ~~ai~~ estão. Sonhadas, pensadas, ensaiadas... e cá vamos nós ao encontro dos Amigos com a nossa vida feita canção de alegria e Esperança.

Precisamos das Festas. Antes de mais em Casa. É a educação para a poesia, a fantasia, a dança, a música, o saber estar, o saber falar, o ganhar disciplina. É também a criatividade, o trabalho de grupo, a humildade, o esforço, os momentos de alegria e a aprendizagem na superação dos momentos de desalento. É, igualmente, a procura de não sermos consumidores passivos dos bens culturais — mas intervenientes.

Dão-se já os últimos retoques nos ensaios. Experimentam-se luzes. Afinam-se o som. E a incassável D. Emília aperfeiçoa os fatos para que nada falte. Tudo isto nem sempre é

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

SUBSÍDIOS — Uma pobre doente que vive só, requereu subsídio para ter o apoio de pessoa que lhe bote a mão no dia-a-dia. Justa regalia (ainda que pequenissima) para muita gente, especialmente para os mais necessitados. No caso vertente para quem sofre também as agruras da solidão.

À partida — pelos regulamentos — prevíamos que seria indeferido, como aconteceu. A doente, porém, insistiu. E mais não se fez que satisfazer uma pretensão, apesar de tudo razoável.

Nunca deixamos em branco regalias que a lei prevê. Na maior parte dos casos, agora, são os próprios Pobres a alertar!

Somos do tempo em que nada disto existia, em que os mais pobres andavam ao Deus dar!

Entretanto, vale a pena tornar a denunciar alguns miseráveis subsídios de incapacidade permanente pagos pelas seguradoras, que são já notícia nos meios de comunicação social — e passamos a citar:

«Vive numa aldeia do Douro. Aos catorze anos era ajudante de servente. A tentar desencravar um tiro de dinamite, que não tinha rebentado, foi pela pedreira abaixo. Seguiram-se dois anos no hospital e nunca mais pôde passar muito tempo em pé devido à atrofia de um pé e à perda de dedos.

A companhia atribuiu-lhe, naquela altura, 25% de desvalorização, ou seja: 35\$00 por mês. Até hoje nada mudou!

Teve que fazer uns 'biscates' no conserto de calçado, pois podia estar sentado. Recentemente, passou a receber um cheque trimestral de 105\$00, que pode levantar na CGD ou na companhia de seguros. Mas, quando não tem boleia e precisa de se deslocar, gasta 400\$00, quase tanto como um ano de pensão (420\$00)! E ainda que no Natal receba um subsídio de mais 35\$00, não deixa de ser curioso que, por legislação de 1991, possa ser paga anualmente tão magra pensão!...

PARTILHA — «Avó de Sintra» presente com o cheque «destinado à família do costume». Mais cinco mil, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, os mais necessitados, os

Pelas CASAS DO GAIATO

TOJAL

JARDINS — A nossa Casa fica mais bonita com os jardins. Alegremo-nos com o desabrochar de tantas plantas a florir. Flores com lindas e múltiplas cores, que exalam seus perfumes embelezando toda a nossa Aldeia. A Primavera chegou e com ela também as andorinhas!

As ofertas da Natureza e belezas do Criador fazem ecoar a voz de cada um de nós.

Para mim, uma flor é dádiva da Natureza. Vida e amor na Terra. Devemos amá-las porque são vida e beleza. São encanto para todos nós. Muitas pessoas querem conhecer os jardins que dão cor e tornam mais bonita a nossa Casa. Elas também embelezam os campos.

Devemos protegê-las da poluição para darmos mais cor à Terra. Sem as flores o mundo seria a preto e branco e, assim, não teria muita graça e beleza.

Tratamos os jardins com amor. «Maravilhas» e «camélias» conquistam o nosso olhar. Emocionam-nos, porque sabem sorrir connosco. Buscam as nossas mãos. O Luizinho, o André, o Carlinhos e o Marinho dão as suas mãos brincando nos jardins. O José Fernando e o Ângelo plantam uma «palmeira». Os amigos que nos visitam param e contemplam o que a Natureza oferece. Sinais que atraem os nossos corações. Pétalas que revelam o trabalho de todos nós. Troncos que exaltam a alegria de darmos parte do nosso tempo às flores, cujos

tons são guardados por cada um como «lindas cores» para podermos dá-las a todos vós e para que haja muitos jardins floridos com cores vivas e perfumes misturados.

Joaquim Miguel Fernandes Pinto

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O Senhor, ao expulsar o homem do Éden, disse: «Comerás o pão com o suor do teu rosto». Assim aconteceu. Ai daquele que assim não pensa, pois levará uma vida desgraçada. E se não estiver só, arrastará os outros atrás de si. No entanto, seremos muito felizes se, apesar do muito suor para ganhar o «pão nosso de cada dia», o Senhor ainda nos concede o suficiente para irmos em socorro dos irmãos necessitados porque: não têm saúde para poder trabalhar; a idade já não lhes permite angariar o sustento; a reforma é tão miserável, que faz com que a vida seja um inferno, se não houver alguém que vá em seu auxílio. Vítimas do infortúnio, a vida não lhes sorri!

Estão neste rol todos os nossos Amigos que visitamos. A uns levando uma palavra amiga. A outros, também aquilo que podemos, fruto da vossa partilha.

Não fora ela, aquele casal cujo pai era alcoólico, já se teria desfeito (hoje são felizes, apesar de um dos três filhos ser deficiente). A D. Alzira, mesmo doente e idosa, continuaria vergada ao peso da bacia dos tremoços (hoje sente-se mais feliz e já tem mais tempo para olhar pelo marido, pois tem que o lavar, vestir e tudo

mais). Aquela outra família que vivia num barraco, não estaria hoje feliz na sua casinha totalmente restaurada, embora pela Câmara do Porto, para a qual a nossa Conferência contribuiu com uma boa fatia. Que bom seria se os nossos Pobres pudessem ser assim instalados em casas decentes...

E tantos outros que visitamos e ajudamos, continuariam na miséria.

Tudo isto nos traz à lembrança a multiplicação dos pães. Não fosse o bom coração das pessoas presentes e não teria acontecido. Por isso, o milagre continua, embora não tanto como é necessário.

Um grande exemplo disso: as nossas Casas do Gaiato, as nossas Conferências que tantos Pobres ajudam, e tantos outros.

Alguém escreveu: «Um homem esfomeado pensa, antes de qualquer outra coisa, em satisfazer a fome. Venderá a liberdade e tudo o mais por um pouco de comida». Não sei se estará certo.

Como já aqui foi dito, passámos a visitar um casal jovem. Quando, há dias, o procurámos, surge o marido. Conversámos e perguntámos se não tinha emprego. «Eu não quero quem mande em mim.» Este não quer trocar a liberdade (!) por um pouco de comida. Lá vai guardando uns carros, recebendo algum. Mas, desse, não dá nada à mulher nem à filha. Resultado: a dívida, na loja, chegou aos cento e seis contos e já não há fiado. Nós vamos ajudar.

Notícias de Moçambique

QUARESMA / RENÚNCIA / PARTILHA — Não quisemos deixar passar em branco o tempo que estamos a atravessar: a Quaresma. Para os nossos rapazes, como para a aldeia, ainda é difícil enquadrarem-se nos tempos litúrgicos, por falta de formação, conhecimento e catequese. Mas, com os nossos rapazes damos mais de perto as respectivas orientações nos momentos certos. Assim, pouco a pouco, vão vivendo e sentindo a realidade litúrgica.

Nesta Quaresma incentivámos umas pequenas renúncias a favor das crianças da aldeia: partilhar com quem continua a não ter nada de nada. Então, prontificaram-se a renunciar, nas sextas-feiras, à sopa, ao pão e à sobremesa. Eu mesmo fiz questão de proceder à distribuição. Foi comigo o cozinheiro, o Ananias, o Albino e o José que chamaram as crianças pela aldeia fora. Parámos debaixo de um canhueiro, onde ainda não havia ninguém. Fiquei preocupado: — Quem iria comer aquela sopa e aquele saco de pão?!... Este pensamento não tinha razão de ser. Logo, ao olhar ao meu redor, apareciam de todos os cantos com um recipiente nas mãos. Todos com ar de quem necessita de comer e medo que não chegasse...!

A minha preocupação invertiu-se: — Será que a sopa e o saco de pão vão chegar?! As crianças aumentavam, aumentavam. Tive-mos de reduzir a dose. Mesmo assim, deixámos olhos com lágrimas e estômagos vazios. Acabou por não chegar!

Comenta o José: — Tio Carlos, para a próxima têm que ser, pelos menos, umas dez panelas. São muitas crianças! Uma panela é muito pouco! Ainda bem que tinha consciência disso. É verdade, a nossa pequena renúncia não é suficiente para saciar as grandes necessidades destas crianças! Foi uma experiência... Agora, penso que poderemos melhorar um pouco estas quantidades, intensificando um pouco mais o espírito de renúncia. Afinal, o Mestre ensina a partilhar. Não só o que nos sobra, mas também o que nos faz falta.

A NOSSA FAMÍLIA — Chegou o Dino, de Vilanculos. Tem quatro anos. Foi rejeitado pela família e, aos três anos, já vivia pelas ruas. Diz que se escondia nos buracos, cobrindo-se com

Mas com mercearia e enquanto pudermos, claro.

Partilha dos nossos Amigos: Coutinho, de Lisboa, para ajudar o caso referido na notícia de 12 de Dezembro, 5.000\$00. Da nossa amiguinha, que desta vez se zangou por mencionarmos o nome n'O GAIATO, 7.000\$00. Tem razão! O próprio Jesus Cristo disse: «Que a vossa esquerda não veja o que dá a direita». Obrigado pelos seus conselhos. Assinante 3359, 1.500\$00. Maria Margarida, 10.000\$00. Assinante 34239, de Canidelo, 1.000\$00. Mais 1.000\$00, de anónimo, entregues no Lar do Gaiato.

A todos, o nosso muito obrigado.

Valdemar e Olga

PAÇO DE SOUSA

NOVO PORTÃO — O novo portão, feito pelos nossos serralheiros, já está colocado no velho muro da nossa Aldeia. Uma obra rápida! Fará muito jeito para a entrada de caniões de grande porte em nossa Casa.

GALINHEIRO — O «Corona», encarregado do galinheiro, parece estar a trabalhar bem. Temos coelhos, galinhas e frangos para saborearmos um bom arroz de cabidela. Elas ainda nos dão muitos ovos.

HOSPITAL — O mês de Março foi um mês de doentes!

Perguntei ao Ivo quantos rapazes adoeceram. «Foram dezoito.» Durante este tempo ele teve muito que fazer. Mas já voltou tudo ao normal.

VACARIA — No sábado nasceu um tourinho. Como sempre, tudo correu bem e é tratado com desvelo pelos nossos vaqueiros.

DESPORTO — Mafamámos uma equipa de Mafamude, Gaia. Vencemos por 4-0.

Jogo muito duro, com alguns problemas entre jogadores, principalmente o «Corneto» que foi travado inúmeras vezes à margem da lei, pois só em falta o conseguem travar. Trabalho difícil para o árbitro, o Francóis.

«Vitinho»



O trabalho é rei em Moçambique e nas comunidades da Obra da Rua de todo o mundo

medo. Entretanto, foi muito mimado nestas semanas que esteve com a senhora que o trouxe para aqui. É um pouco inconstante, mas muito engraçado... É uma alegria!

Visitei a casa das Irmãs da Caridade. Lá está o Pedro, com dois anos e meio. Não tem ninguém. Brevemente fará parte desta numerosa família.

COLABORADORES — O José Carlos, de Évora, apareceu um dia sem avisar ninguém. Veio para Moçambique com o intuito de colaborar na recuperação deste país. Bateu-nos à porta e ela abriu-se. Muito trabalhador e entusiasta no campo agrícola. Boa sorte.

A Joana, tão esperada colaboradora!, encontra-se no meio de nós. Já tinha estado conosco, o ano passado, a fazer uma experiência com outros doze jovens. Manifestou vontade de colaborar aqui, em nossa vida, no duro. Está por sete meses. Bem... agora, estamos um pouco mais folgados... Logo, podemos pensar em tirar umas boas férias!

ANIVERSÁRIOS — Temos aniversariantes... Deixámos acumular alguns rapazes festejados, para fazer uma só festa com muitas caras sorridentes. Aproveitámos a data de aniversário do nosso cozinheiro, o Ananias. Com ele festejou o Naftali (um dos «Batatinhas»), o Virol, Alfredo, António Romão, Julião e o mais velho, o Maurício.

Todos acompanharam a Santa Eucaristia junto do Altar. Depois, no jantar, só eles comeram na mesa do Padre José Maria. Chegou a hora do bolo. Como eram muitos, teve que ser muito grande. Não faltou a vela que apagaram ao mesmo tempo. Para acabar, chegaram os brinquedos. Muitos! Foi uma grande alegria. Luziam as caras de contentamento. Todos participaram.

SAÚDE — Continuamos com as crises de malária. Na cama, estão três ou quatro constantemente, com muita febre, vômitos, dor de barriga, bilharsiose, etc. Alguns, afectados segunda vez pela malária. Felizmente, os médicos da Barragem dos Pequenos Libombos são muito atenciosos e disponíveis a colaborar. Infelizmente, a gravidade não ficou por aqui. Temos o João Maria com um problema muito maior, que inspira cuidados e tratamentos vigiados. Passou esta semana em casa da D. Noémia, em Maputo, para exames. É um dos «Batatinhas» que tem tuberculose. Dizem não ser muito grave. Está a ser tratado. É um pouco doloroso, para ele, mas para o bem dele. Queira Deus que tudo corra bem.

Carlos Roda

SETÚBAL

FUGAS — Há certas influências vindas do meio exterior, no período dos 13 aos 18 anos de idade, onde o rapaz é levado, pela precipitação, à «aventura»... O «debate» dele perante a sociedade e os problemas que o rodeiam.

Não é fácil passar esta fase da adolescência!

Com o andar do tempo, sentem-se confundidos e começa por ser difícil a diferenciação do que para eles é melhor. Mas como reagimos perante a nossa consciência?

O rapaz que foge da sua Casa devido à intervenção e manipulação de estranhos, reagiu prescindindo sempre do que mais custa e todos nós o sabemos, mas é preciso vencermos esta barreira!

Com o Sidónio foi diferente:

não conseguiu atravessá-la. Gaiato de 15 anos, a estudar no período diurno numa Escola Secundária em Setúbal. Tinha todas as condições e possibilidades que a Casa do Gaiato lhe concedia para garantir a sua formação e negou-a, num abrir e fechar de olhos, sem dirigir uma palavra, em 19 de Fevereiro, indo para o lar da mãe.

Não é a primeira nem será a última vez que se reage deste modo. Eu próprio, confesso, já passei por essa tentação e a todo o momento estamos sujeitos.

São poucos, depois do acto, os que reagem de forma arrependida, convencidos de que esta é a sua Casa, a sua Família. Esse renascer da pétala que lá no fundo vai crescendo... até perceber que se errou.

No dia 7 de Março regressou o Rui, mais conhecido por «Joselina». Andou por lá cinco meses. É um gaiato de olhos verdes, cabelo castanho e liso. Tem treze anos. Estuda na Telescola.

São poucos os casos que sucedem assim, após um longo período de tempo afastados da ligação afectiva, amizade, carinho, partilha e convívio vividos na Obra da Rua.

Hoje é feliz e as perspectivas para ser um homem de amanhã começam a desenvolver-se.

Rui Torres

Festas

Continuação da página 1

fácil... Serão bonitas?! O público julgará. O mais bonito será sempre o que não se vê: a comunhão entre os nossos rapazes e os nossos amigos. Aqui vão as datas dos primeiros encontros:

Dia 18 de Abril - 15,30 h.
— Salão do Grupo C. R. Bemposta — BUCÉLAS

Dia 25 de Abril - 15,30 h.
— CINE 359 — LOURINHÁ

Dia 2 de Maio — 15,30 h.
— Instituto de ODIVELAS

Dia 9 de Maio — 15,30 h.
— Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus — LISBOA

Padre Manuel Cristóvão

• Setúbal

A mexida das Festas começa este ano por longe. É Aveiro, Viseu e Leiria que nos têm trazido desejos de nos verem em seus palcos. Se a saúde nos permitir e se os movimentos se justificarem lá estaremos.

Começamos por Setúbal, no Auditório da Anunciada. Iremos ao S. João, de Palmela, à Quinta do Anjo, Cabanas e Azeitão. Saltaremos à Incrível Almadense e à Cova da Piedade. Estaremos no Seixal e na Cruz de Pau. Iremos também a Cascais onde um enorme grupo de Amigos não dispensa o gozo da Festa. O Luiza Todi, em Setúbal, é o lugar onde os rapazes se sentem mais comprometidos.

O argumento da Festa é a formação de chefes nas Casas do Gaiato e o desenvolvimento da capacidade de liderança que a pedagogia de uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes lhes proporciona. Os «Batatinhas» irão brilhar como nunca!

Padre Acílio



No contacto com a Natureza esquecem os vícios da Rua

Setúbal

Os Pobres são a nossa pregação.

A força do Reino pregado e tecido por Jesus e fundamentado na felicidade dos Pobres, dos humildes e dos puros é tão poderosa e desconcertante que é capaz de transplantar uma amoreira e dispô-la no meio do mar.

Quando propús aos jovens vicentinos comprarmos uma casa para a família posta na rua pela injustiça do tribunal, sabia com clareza que iríamos conseguir os meios necessários para o efeito.

A falange dos Pobres, dos humildes e dos puros de coração não é avassaladora. É um pequenino fermento, vivo e eficaz. Muitos leitores d'O GAIATO fazem parte desta levedura. Comungam no dar, expressam uma santa revolta e partilham sacrificadamente os bens.

A comunidade eucarística que se reúne sob o manto renovador de Nossa Senhora do Carmo mandou-nos um ofertório do domingo: 67.804\$50.

De outro santuário mariano, um sacerdote desabafa:

«Estou cá longe e quase me apetecia dizer-te que tragas aqui os teus rapazes — que não pertencem à Casa do Gaiato; estes na maior parte andaram a pedir em pequeninos e isso marcou-os muito negativamente, não os ponho agora a pedir de porta em porta — com os meus, sim, mas de uma Conferência Vicentina da cidade; descalços, a ajudar a sensibilizar esta terra onde a Pobre de Nazaré está agora escandalosamente coroada de ouro e pedrarias. Não é isso que Ela quer, mas nesta terra alguém terá que vir dizê-lo alto e bom som. Estou certo que a resposta não seria má. Simplesmente: anda tudo a dormir com a consciência mais tranquila do mundo.»

Sim, o ouro e as pedrarias agradariam muito mais à Mãe de Deus e dos homens se fossem convertidas em meios de acudir aos seus filhos mais pobres.

A conversão que a Virgem veio pedir aos homens e aos portugueses especialmente, é a mesma que Seu Filho pregou e cumpriu.

De Mação a Faro e Monte Gordo, fixando-se muito especialmente no Porto, passando por Coimbra e Lisboa, o grito e a dor da família moradora na Rua Jacob Queimado contagiou e moveu o coração de muita gente.

De Gondomar:

«O signatário, que só conheceu o conforto de uma casa sua aos 27 anos de idade, ao ler no último O GAIATO o seu apelo a favor da 'família despejada', junto envia o cheque no valor de cem contos.

Sou contra as casas arrendadas, pois não é boa solução quer para os proprietários quer para os inquilinos. Também o juro que os compradores pagam devia ser igual ou, se possível, inferior ao que o Estado e os Bancos remuneram aos seus depositantes.»

Ora aqui temos um homem que lê e entende o Evangelho preconizando uma política justa de habitação. M. M., do Porto, todos os meses tira do seu ordenado dez contos para a Casa do Gaiato, acompanha-me desde as primeiras casas do Património dos Pobres em Setúbal, é madrinha ajudando um dos meus a pagar os juros do empréstimo do seu andar, manda mais dez contos e diz: «A sua justíssima indignação encontrou eco na minha alma. É triste que as organizações ditas oficiais sejam por excesso de papel e escassez de acção; mas ainda mais condenável, depois de constatar a pobreza e a miséria existentes os responsáveis pelas organizações irem banquetear-se para uma estalagem de luxo, à custa da mesma pobreza e miséria!»

Lisboa falou silenciosamente em cartas expressivas e encorajadoras. Uma senhora de 83 anos, de coração limpo e jovem, diz que gostaria de acompanhar os jovens no seu peditório:

«Não sou de Setúbal. Se fosse não o poderia fazer

pela limitação imposta pelos meus 83 anos, mas posso tirar das minhas economias 50 contos para juntar a outros que o senhor padre já tem».

Daria para preencher o jornal as cartas que Lisboa me mandou. De Loures vieram 10 contos a pedir referência n' O GAIATO do vale 83114. De Coimbra uma abandonada do marido e com o filho desempregado, 15 contos.

Já passámos os mil contos. Não sei ainda quanto nos irá custar a morada. Setúbal tem reagido muito timidamente

apesar de *O Setubalense* ter respigado à sua maneira, o que eu escrevi n'O GAIATO. Três vezes vinte e cinco contos, mais vinte, mais cinco, mais dez, mais um e mais dois, além do que já referi da fraternidade do Carmo.

É nesta cidade das *boites*, do luxo e do progresso, que queremos plantar a amoreira. É a esta gente que pretendemos pregar o arrependimento e com ela fazer penitência. Os Pobres são a nossa pregação e a família em causa uma página do Evangelho.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

A Páscoa é uma experiência quotidiana nas Casas do Gaiato

A Páscoa é, em cada Casa do Gaiato, uma experiência quotidiana. Assim, em cada vida. Ela chega sempre, surpreendente e após o trilha do Calvário. Não pode ser de outro modo. Assim, o Amor. Por isso, o Calvário quer dizer Amor e acena-O pela história de cada um de nós e da humanidade como refrigério consolador. E o amor traz as marcas dos cravos e a poeira dos caminhos: a Cruz.

É comovente aquela passagem do Evangelho narrada por S. João ao colocar Maria ungindo os pés de Jesus dias após a Sua morte. O vaso de alabastro... O perfume de nardo puro... A «Passagem» é uma festa!

À visão pessimista do sofrimento e da morte opõem-se a alegria inebriante do serviço puro e gratuito por causa de Deus mesmo: «Pobres sempre os tereis convosco; a Mim nem sempre me tereis».

A intuição de Maria corresponde à visão pascal de que a morte de Jesus é a porta da Vida; de muitas vidas. Ela já o tinha experimentado por si mesma. O sofrimento, a cruz, o terreno fértil para a geração da Vida em plenitude, sem sofismas. Maria adivinhou na Morte de Jesus, o odor da Vida, a paixão de servir e de dar a vida por amor. A morte não quebrou o fio da vida, antes lhe deu consistência e justificação.

Cá em Casa estamos a procurar, partindo da vida de cada Rapaz — também ela marcada pela cruz — viver este tempo e compreendê-lo a esta mesma luz.

A fuga do «Sançana» roubou-me um pouco esta compreensão. Contava com ele mais do que ele próprio imaginava. Já lhe tinha feito sentir os seus dezassete anos e algum sentido de responsabilidade, afinado a custo. Eram uma promessa pascal. Há dias ele, no meio de lágrimas borbulhadas da sua história triste, disse-me que sim e um grande abraço selara essa promessa. Mas, a ilusão de querer servir sem entrar neste «festim» de Paixão e Morte, ilusão tão disseminada por aí em comportamentos e práticas de vida, levou-o numa destas noites, sem rasto.

A Páscoa há-de trazer mais promessa. Eu creio na Páscoa. E, enquanto ela não chega, como Maria, a mesma unção de nardo puro que a promessa é do Evangelho: «Pobres sempre os tereis convosco; a Mim nem sempre me tereis».

Padre João

Património dos Pobres

Grande notícia! Abaixo as barracas

Diante de mim, na encosta da serra agreste, vejo casas novas que parecem um encanto. Fruto do amor de seus donos que são trabalhadores. E eu ando cheio de barracas e casebres.

O chefe do Governo deu ao Povo Português a grande notícia: Um volume grande de dinheiro para destruir as barracas em Lisboa e Porto e preparar habitação digna para toda a gente. Ficamos à espera.

Dias depois o Ministro das Obras Públicas confirmou a grande notícia. O plano é para seguir em frente. Vamos todos substituir as barracas e mansardas onde vivem e vegetam muitos milhares de portugueses.

Que a mentalidade política e a burocracia não sejam estorvo a este plano e não fiquemos em promessas e em palavras. Mãos à obra!

À procura duma casa

Há três quinzenas fizemos

um apelo à procura de casa para esta família, constituída pelos pais, dois filhos maiores deficientes, dois adolescentes, duas meninas de três anos e uma de três meses. Todos a viverem numa mansarda em ruínas, ansiosos por sair dali para uma casinha decente.

Até este momento só duas senhoras se apresentaram com o coração a sangrar:

Uma a pôr à venda um imóvel que herdou e comprou na aldeia onde nasceu. Diz que não o pode vender por menos de seis mil e quinhentos contos.

Outra a mandar pelo correio um cheque de vinte contos, fruto de muito amor.

Não apareceu mais ninguém para ajudar a resolver o problema de habitação desta família que anda ansiosa, à espera de ter uma casinha sua. Mas a moradia posta à venda custa uma fortuna e ainda só apareceu um sinal. Penafiel tem de tomar a dianteira.

Amontoado de famílias

— *Senhor abade, somos três famílias a viver na mesma casinha!* — foi o apelo daquela mãe com um filhinho de um mês ao colo e outro de dois anos agarrado à saia. O marido saía de manhã para o médico e, já de noite, ainda não tinha regressado. Sente-se doente. É pedreiro.

Estávamos diante do prédio, muito minguado, que andam a fazer. É tudo fruto de amigos: o terreno, os materiais, o trabalho. Estão ansiosos por se meter lá dentro. «Depois, quando pudermos, havemos de aumentá-la.» Disse-lhes que não podíamos ajudar uma casa tão deficiente. Animámo-los a um pequena ampliação. Prometemos cem contos para o aumento e outros cem para o telhado. Pareceu-nos que acolheram com esperança e disseram que iam recomeçar.

Gostei muito de ver os olhos lindos daquelas duas

crianças e foi mais por elas que risquei no chão aquele aumento. Uma casa nova onde todos caibam e tenham o seu lugar.

Hoje apareceu a mãe a dizer que já andam a colocar o telhado. Veio, cheia de alegria e esperança, à procura da promessa de ajuda do Património dos Pobres.

Caras de alegria e esperança

Naquele sábado, à tarde, fiquei encantado com aquela família a construir o muro de suporte ao terreno onde está a ser construído o edifício. O pai e mãe a moverem pedras para cima umas das outras e os dois filhinhos de cinco e três anos, com enxadinhas do seu tamanho, a arrasar de terra as covas do chão.

Fiquei encantado. Assim se controem as casas e as vidas das famílias que procuram promover-se. Os instalados nunca farão nada que seja válido.

O Património dos Pobres tem ajudado muitas famílias a promoverem-se e quer continuar neste caminho.

Padre Horácio

Malanje dia-a-dia

10/2/93

Deram-nos quatro casais de pombos. Em dois dias fizeram o pombal. Uma presença pacífica e reconfortante! São pombas de leque, tão mansas e graciosas! Sinal de paz! E vocam sempre a paz... E estas já nem se assustam com os tiros de canhão.

Também estamos plantando flores nos pequenos jardins. Gostamos delas. Estamos mesmo sedentos de flores. A Natureza é pródiga e oferece a sua beleza maravilhosa. Ainda hoje contemplei a supotódia à beira da lagoa, carregadinha de cálices vermelhos.

Mal vai ao homem quando nem vê as flores!

12/2/93

Logo a seguir ao roubo da nossa mandioca, milho e repolho, o Joãozinho meteu o tractor a lavrar outro campo. Perguntei. Disse ele que «a guerra não irá durar sempre e tínhamos que plantar tudo de novo».

Bonito! Esperança! A vida não pára!

Começaram, há muito, as aulas com o António Joaquim (Estel) à frente. É um dos nossos, desde os 6 anos. Hoje, com 30. Tem sofrido muito! A vida para ele, desde 75 até agora, foi uma dura universidade. Com ele veio um filho que se integrou imediatamente. Logo no primeiro dia vi-o encostado ao lava-louça, a lavar pratos.

14/2/93

Fomos visitar as Irmãs brasileiras, como dizem os rapazes. Levámos um pouco do que temos. Vivem no meio dum bairro muito pobre e, todos os dias, precisam. «dar de comer a quem tem fome».

Surpresa: tinham lá um presente para nós! Três meninos sem família — completamente sós. Nem nome — só o nome de chamar... Os pais foram pisados pela guerra!

Uma família pobre deu-lhes abrigo! Paremos um momento: Família pobre, com filhos e a passar mal! Não fez cálculos. Sem hesitar, abriu a porta a mais três!

Ai, se as famílias — bem seguras na vida — nos lessem e meditassem...

18/2/93

É impressionante a quietude das árvores — gravílias e lianzenes! As sombras repousantes e benéficas projectam-se nas copas dos cafeeiros. Através de pequenos lagos de céu, os raios de sol bailam ao ritmo das folhas.

Os três meninos que vieram, no domingo, adaptaram-se bem. Dá impressão que nasceram aqui! Comida, colchão, fogo, lençóis limpos, escola e bola; e, à tardinha, uns momentos de catequese para conhecerem o Senhor.

Isto o mais importante: O Senhor da Bondade, o Senhor Justo. Ele o Amigo de todos os homens, a Fonte de paz e mansidão! Os critérios do mundo não alcançam estas profundidades.

Padre Telmo

Um pouco maltratada. Os rapazes já começaram a fazer a limpeza nas férias do Carnaval. As mãos vieram com marcas das silvas dado que há vinte anos não era limpa.

Estamos a crer que será um bem, não só em termos de férias de Verão mas também para podermos ir, em pequenos grupos, passar alguns fins de semana com mais serenidade, paz, reflexão e oração. Como tudo o

que é da Casa do Gaiato é da Igreja, desde já dispomos também este espaço para as comunidades cristãs. Parece que tem boas condições. Cremos firmemente que é um espaço dado aos pobres e esperamos que tudo o que aí se gastar será em prol da sua dignificação. Deus nos abençoe na realização deste sonho. Estamos nas Suas mãos.

Padre Manuel Cristóvão

DOCTRINA



Assim o pobre das Ruas de Coimbra...

● Os miúdos do segundo turno regressaram a suas casas com mais çor e mais quilos e os do terceiro estão de saca aviada, à espera que o chefe da estação dê a partida. Houve suas arestas neste segundo grupo por causa da presença do «Veneno», rapaz refilão e turbulento, sobejamente conhecido e temido do rapazio da Alta. Está, contudo, muitíssimo modificado para melhor e há-de vir a ser nomeado vigilante das Colónias de Férias, a seu tempo.

● A gente não pode nem deve abandonar os chamados rapazes maus; antes, através dos seus defeitos, temos de conhecer e levantar as suas qualidades.

● A fruta da nossa quinta, agora em plena maturação, tem sido a corda bamba onde, até à presente data, nenhum dos garotos perdeu o equilíbrio. À noite, à hora de marcar obrigações e dar avisos, eu coloco sempre diante deles uma palavra grata à sua heróica fidelidade; e, desta sorte, levam-se pelo brio onde nunca chegaram pelo medo. Sabe-lhes muito melhor, às merendas, a fruta ganha e conquistada assim, com o suor do rosto; e quase todos, ao tomarem das nossas mãos pêssegos grandes e saborosos, beijam comovidamente uma coisa e outra num espantado e delicioso: «Eh pá, olha pêssegos!» Dizem que são maus os garotos da rua...! Maus, nós!

D. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

Um exemplo

Um grupo de trabalhadores do Centro Cultural do Metropolitano de Lisboa veio visitar-nos. Tudo parecia igual à visita de muitos outros grupos que, graças a Deus, recebemos e nos encorajam, dando força no nosso caminhar e ajudam igualmente, de forma indirecta, os nossos rapazes que se sentem amados e acolhidos. Alguém, no grupo, perguntou pelos distribuidores d'O GAIATO. Tive que explicar alguns problemas que Lisboa nos coloca e, por isso, a necessidade de restringir a distribuição a locais mais seguros. Logo avançou um dos componentes para dizer que poderiam fazer alguma coisa. Ali se decidiu que todos os quinze dias passaríamos a entregar os jornais e eles fariam a passagem.

Assim, pela mão do Centro Cultural do Metropolitano, O GAIATO passa a chegar a muitas mãos. A mensagem de solidariedade que procuramos transmitir vai possivelmente inquietar, acordar corações adormecidos e ajudar a destruir alguns muros que na nossa sociedade sempre se criam. Esperamos que mais gente dê as mãos, mais gente a dizer: — Não podemos ficar de braços cruzados, é preciso fazer alguma coisa. O Pobre e sofredor ganharão uma mão amiga.

Já existem outros locais onde acontece o mesmo. A todos o nosso muito obrigado. Não era possível a existência de outros locais, em firmas, em grupos de amigos? Aqui fica a ideia e um exemplo.

ENCONTROS

em Lisboa

Uma casa para férias?

Desde há muitos anos se sonha, na Casa do Gaiato de Lisboa, com a possibilidade de um local, perto do mar, onde os nossos rapazes possam passar férias. Durante muitos anos, a pequena moradia de S. Julião da Ericeira foi dando resposta. Entretanto, tivemos que nos desfazer dela, com promessas alternativas que se foram esfumando com o passar do tempo. Embora ainda com autorização para utilizarmos esse imóvel, o certo é que sem obras, sem água, sem condições higiénicas, a situação degradou-se e, nestes últimos anos, temos recorrido a Coimbra e Setúbal que, com muita simpatia, lá se vão encolhendo para podermos entrar. Surge agora uma luz no fundo do túnel e esperamos poder realizar o sonho.

Em Sintra deram-nos uma mata — o Monte dos Ciprestes. No meio existe uma casa bastante degradada, mas com espaço capaz de ser organizado e recuperado para as nossas necessidades. Depois de muitas hesitações, pedidos de conselho, oração, decidimos avançar. Mais uma vez trabalhos...

O local é muito bonito. Fica um pouco distante da praia — dez quilómetros — mas com muitos transportes por perto. A mata é grande.



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Março: 72.425 exemplares